

Amadeu de Oliveira Weinmann

Edson Luiz André de Sousa

Liliane Seide Froemming

Organizadores

imagens-textos

ensaios sobre cinema e psicanálise



imagens-textos



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor
Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora e Pró-Reitora
de Coordenação Acadêmica
Jane Fraga Tutikian

EDITORA DA UFRGS

Diretor
Alex Niche Teixeira

Conselho Editorial
Álvaro Roberto Crespo Merlo
Augusto Jaeger Jr.
Carlos Pérez Bergmann
José Vicente Tavares dos Santos
Marcelo Antonio Conterato
Marcia Ivana Lima e Silva
Maria Stephanou
Regina Zilberman
Tânia Denise Miskinis Salgado
Temístocles Cezar
Alex Niche Teixeira, presidente

psicanálise**clínica e cultura**

Coordenação da Série
Amadeu de Oliveira Weinmann
(UFRGS, Porto Alegre)

Maria Cristina Candal Poli
(UFRJ, Rio de Janeiro)

Simone Zanon Moschen
(UFRGS, Porto Alegre)

Conselho Científico da Série

Betty Fuks
(UVA, Rio de Janeiro)

Leandro de Lajonquière
(USP, São Paulo,
e Université Paris VIII, França)

Marco Antonio Coutinho Jorge
(UERJ, Rio de Janeiro)

Nina Virginia de Araujo Leite
(Unicamp, Campinas)

Amadeu de Oliveira Weinmann

Edson Luiz André de Sousa

Liliane Seide Froemming

Organizadores

imagens-textos

ensaios sobre cinema e psicanálise

© dos autores
1ª edição: 2017

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Revisão textual: Verônica da Silva Ezequiel
Revisão editorial: Lucas de Andrade
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Clarissa Felkl Prevedello
Imagem da capa: Comstock Images/Thinkstock
Imagem da contracapa: Moisés de Michelangelo, Piazza di San Pietro in Vincoli, Roma, Itália.

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

I31 Imagens-textos: ensaios sobre cinema e psicanálise / organizadores Amadeu de Oliveira Weinmann, Edson Luiz André de Sousa [e] Liliane Seide Froemming. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.
216 p. ; 16x23cm

(Psicanálise: Clínica e Cultura)

Inclui Referências.

1. Psicologia. 2. Artes. 3. Psicanálise. 4. Cinema. 5. Psicanálise – Clínica – Cultura. 6. Psicanálise – Cinema. 7. Experiência fílmica - Reflexão – Cinema – Sexualidade – Infância – Adolescência – Sonho. I. Weinamm, Amadeu de Oliveira. II. Sousa, Edson Luiz André de. III. Froemming, Liliane Seide.

CDU 159.964.2:791.43

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0366-5

a ultraviolência em *Laranja mecânica* notas sobre o mal-estar juvenil no laço social atual

Marcelo Ricardo Pereira

Rose Gurski

Em 1962, Anthony Burgess lançou o romance *Clockwork orange*, eternizado, no início da década de 1970, como um clássico do cinema contemporâneo, através de *Laranja mecânica* (1971), dirigido por Stanley Kubrick. Burgess, após vencer uma profunda depressão, resolveu transformar em livro a experiência de ver sua esposa, no final da Segunda Guerra Mundial, ser brutalmente estuprada, nas ruas de Londres, por um grupo de soldados americanos. Ao escrever o livro, o escritor fez uma espécie de catarse com base em seu sofrimento e inquietação com o fenômeno da violência juvenil.

Dada a repercussão que o filme teve, quando de seu lançamento em 1971, Kubrick foi pioneiro na tentativa de levar para as telas as múltiplas faces do mal-estar que acomete os sujeitos

contemporâneos. Referimo-nos, especialmente, aos jovens que, recém chegados à esfera social, ressentem-se com a pouca densidade da dimensão da experiência e dos referentes simbólicos nas relações pessoais e sociais da atualidade.

O próprio título revela a imagem do paradoxo que acomete o ser humano a partir do par civilização/barbárie: a *clockwork* orange origina-se de uma gíria *cockney*¹ e alude a algo estranho e anormal que subverte a natureza. Burgess, através desta expressão, encontrou uma bela metáfora para tratar do que, na metade do século XX, ainda estava por se consolidar: a impossível sincronia entre o homem e a máquina. A “laranja mecânica” não deixa de ser a difícil síntese de algo vivo e suculento que acaba mixado a um objeto inerte como um mecanismo de um relógio.

Burgess e Kubrick, ao discutirem as vicissitudes da violência juvenil, além de criarem uma espécie de metáfora do Ocidente, recolheram uma questão germinal de seu tempo, antecipando-se até mesmo aos especialistas. A discussão acerca da erradicação da agressividade, através da exposição, no filme, do método Ludovico,² leva-nos a abrir uma ampla reflexão sobre os paradoxos contidos na tentativa de erradicar a dimensão pulsional e agressiva do humano. Talvez possamos pensar que este foi o ponto que capturou Kubrick em sua pai-

1 Dialeto criado pelo proletariado inglês que une palavras russas, expressões ciganas e gírias de rua.

2 O Tratamento Ludovico é uma representação artística do fenômeno psicológico conhecido como condicionamento operante, processo descrito por Skinner. O processo envolve a apresentação repetitiva de um estímulo neutro, para o qual não há reação no organismo, juntamente com algum outro estímulo excitador ou repressor, até que a associação seja construída. Na história do filme, quando o tratamento é aplicado no protagonista Alex DeLarge, ele é estimulado a associar seu mal-estar à violência.

xão por transformar o livro em linguagem cinematográfica. O diretor encontrou, no texto de Burgess, o argumento para um de seus temas favoritos: revisitar de diferentes formas o “mal-estar na cultura”.

Kubrick, um admirador confesso do texto freudiano, não economizou cenas a fim de desvelar o paradoxo civilização/ barbárie, especialmente mediante a pergunta sobre o que pensar do homem quando as conquistas civilizatórias não garantem nada com relação às interações com outros seres humanos. Nesse sentido, o texto de Burgess, muito bem recolhido por Kubrick, aborda, na tela, temas como a desregulação pulsional dos jovens, a passagem ao ato, a delinquência reificada, entre outras problemáticas afins, buscando problematizar a pergunta sobre as origens da violência e, portanto, refletindo sobre a dimensão pulsional do humano.

Vejamos, na sequência, qual foi a interessante alquimia criada por Kubrick, que, ao servir-se de ferramentas da Psicanálise para construir e problematizar tais temáticas, imortalizou a narrativa como um dos clássicos do cinema contemporâneo.

Algumas observações acerca da violência juvenil

Uma coisa que nunca suportei era ver um velho bêbado e sujo uivando as imundas canções de seus pais [...] como se houvesse uma orquestra em sua voz [...]. Nunca suportei ver ninguém assim de qualquer idade [...], mas suportava menos ainda alguém bem velho como este [...] (Fala do personagem Alex Delarge, em *Laranja mecânica*).

A filmagem que Stanley Kubrick fez do romance *A Clockwork orange* foi recebida com inúmeras reações, especial-

mente pelas fortes cenas de violência praticadas pelos jovens. O enredo apresenta uma visão de um futuro próximo e não datado, questão que sempre o deixa atual. A fala inicial do protagonista, Alex Delarge, o líder da gangue que aterrorizava a Londres futurista de Kubrick, apresenta já de início o teor da narrativa. Ao relatar o que sente por um dos mendigos que vagam pela cidade, ele é interrompido pela voz do homem de rua que pergunta aos rapazes: “Podem me dar um troco, irmãos?”. A questão endereçada pelo mendigo, de um lugar fraterno, enseja um cruel espancamento por parte de Alex e de sua gangue. O andarilho, em meio à violência que sofre, diz:

Acabem comigo, seus covardes. Eu não quero viver mesmo, não neste mundo fedorento onde a lei e a ordem não existem mais [...]. Um mundo onde os jovens podem bater nos velhos como vocês estão fazendo [...]. Não é um mundo em que um velho possa viver [...]. Que tipo de mundo é afinal [...] homens girando ao redor da terra e ninguém mais presta atenção na lei e na ordem terrestres! (Laranja mêmica, 1971).

Parece que os artistas, os poetas e os escritores antecipam-se aos intelectuais e especialistas, pois muitas de suas obras trazem uma dimensão visionária acerca das questões de seu tempo. Ao identificarmos vários acontecimentos semelhantes ao roteiro do filme, descritos nas páginas dos jornais, nas décadas que seguiram o lançamento do filme, podemos dizer que Burguess e Kubrick fazem parte desse grupo.

Alex (Malcom McDowell), o narrador do filme, como diz seu Anjo da Guarda Social, “tem um bom lar, pais carinhosos e o cérebro não é ruim”. Entretanto, isso não o impede de ser líder de uma gangue de delinquentes juvenis que praticam, nas noites de Londres, o que eles chamam de “ultraviolên-

cia”, isto é, noites regadas a espancamentos, roubos, estupros e assassinatos.

A trama apresenta uma reviravolta quando o jovem líder mata uma de suas vítimas e, logo em seguida, é traído pelos membros de sua gangue – os *drugues*³ ocasionando com o incidente sua prisão. No instituto penitenciário, o anti-herói torna-se voluntário de um experimento patrocinado pelo governo, no qual o indivíduo tem os impulsos violentos controlados, por meio do uso do condicionamento operante. Contudo, o tratamento que o “condicionará ao bem” demonstra ser tão violento quanto os atos delinquentes cometidos por Alex no começo do filme. Ao sair da prisão, percebemos que o jovem não consegue adaptar-se, pois fica indefeso diante das brutalidades que a sociedade comete contra ele.

Laranja mecânica expõe, no mínimo, duas formas distintas de violência, cada qual com suas origens e consequências. De um lado, temos a violência subjetiva – ancestral, primária e intrínseca ao indivíduo quando não barrada pela lei. De outro, a violência social – institucionalizada, amparada por leis circunstanciais e justificada pela manutenção do *status quo* e pelo controle do coletivo. O filme de Kubrick trata dessas duas formas dedicando a cada uma delas uma fração da narrativa. Na segunda metade, vemos uma clara crítica à hipocrisia social, pois a sociedade que taxa Alex de violento é a mesma que o recebe de volta com atos de violência semelhantes.

Em tempos de medicalização das alegrias e tristezas humanas, a narrativa do filme, de certa forma, ajuda-nos a interrogar os tratamentos abusivos que utilizam o condicionamen-

3 *Drugues* é um vocabulário próprio usado pelos jovens da gangue de Alex. Burgess criou por volta de duzentas palavras, nas quais misturou vocábulos em inglês, gírias dos ciganos ingleses e expressões de origem eslava, além de utilizar aglutinações de palavras e jargões rimados do inglês.

to humano. O neopositivismo das neurociências, assim como o frenesi em torno do imediatismo quanto ao esbatimento da angústia e do sofrimento psíquico, insiste em reduzir tudo à biologia. Ao mesmo tempo, o filme nos leva a uma reflexão sobre, por exemplo, o poder utilizado pelas mídias ao reforçarem doutrinas e subtraírem o livre arbítrio das pessoas.

Nesse sentido, além da pergunta sobre as pulsões agressivas, importa refletir acerca do empobrecimento do laço social e de seus efeitos sobre os jovens. Entre as questões que se problematizam na atualidade, com base na noção de certa desmoralização da experiência,⁴ encontra-se o sempre presente tema da autoridade, os frequentes conflitos com a lei, os sintomas de violência, adição e outros.

Um modo de ampliarmos tal discussão reside na busca de uma melhor compreensão do que se passa com a juventude através do viés da transmissão e da posição dos adultos. Quer dizer, quais as posições e os discursos endereçados aos adolescentes pelo Outro⁵ social de nosso tempo? Do ponto de vista simbólico, quais questões são postas como condições aos adolescentes da atualidade?

Ora, sabemos que o constrangimento físico, moral ou psicológico não é algo novo e se constitui como ato fundante e inerente às sociedades humanas. Freud (1996), na correspon-

4 Referimo-nos à experiência no sentido dado pelos estudos do filósofo Walter Benjamin. O tema da experiência e sua erosão, a partir das condições da Modernidade, em contraponto à dimensão da vivência, foi amplamente trabalhado por Walter Benjamin (1994b e 1994a).

5 Para tratar da constituição psíquica, Lacan diferencia duas instâncias: o chamado “pequeno outro”, que seria o semelhante, o parceiro imaginário, e o “Outro” (grande Outro), que ele conceitualiza como a instância simbólica e, portanto, da linguagem, que determina o sujeito, sendo de natureza anterior e exterior a ele. Lugar da palavra, do tesouro dos significantes (Lacan, 1985).

dência que troca com Einstein acerca dos motivos da guerra, responde às inquietações do físico dizendo que não há maneira de eliminar totalmente os impulsos agressivos do homem, o máximo que se consegue é tentar desviá-los num grau tal que não necessitem encontrar expressão na guerra.

Assim, o que acontece em *Laranja mecânica* é apenas a atualização, a renovação de uma prática antiga: a segregação. Ela não é outra coisa senão o ato de perseguir o outro por não tolerar sua diferença, algo que transpõe os tempos. Desde as lutas das raças, que atravessam a história do homem no mundo, aos modos mais individuais de defesa contra o outro, incluindo aquele que cuida, responde-se, na verdade, ao princípio freudiano de que o ódio (e não o amor) é originário e a agressividade está na genealogia da transformação do filho do humano em humano.

Essa questão apresenta-se, por exemplo, na formação das tribos, na constituição das famílias, na exigência social da exogamia, na prática dos grupos – que, de forma mais ou menos velada, é sempre sectária. De certa forma, temos aqui o que Freud (1980b, p. 184) bem nomeou “[...] narcisismo das pequenas diferenças”, segundo o qual “cada indivíduo é separado dos demais por um ‘tabu de isolamento pessoal’ e que constitui precisamente as pequenas diferenças das pessoas que, quanto ao resto, são semelhantes, e que formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles”.

Trata-se da união dos que se acham iguais para combater os que se entendem como dessemelhantes, como os estranhos, os invasores, os contaminadores, os ameaçadores; muitas vezes, tais estratégias servem à apropriação de bens, territórios e prestígios com práticas que subjagam, escravizam ou aniquilam. Acredita-se que se afirmar contra os dessemelhantes é reafirmar a união dos que se julgam iguais na origem. Isso gera – claro! –

satisfação pulsional, sensação de supremacia infantil e retorno do narcisismo. Não é de se admirar que daí derivemos modos fascistas de se exercer o imperativo contra o diferente; e, com a devida razão, não faltarão análises sociológicas, antropológicas e jurídico-pedagógicas sobre o tema.

Não obstante, para examinar isso gostaríamos de trilhar outro caminho. Em 1969, Winnicott (1975, p. 195) publicou uma frase emblemática em um artigo intitulado “Processo adolescente e a necessidade pessoal de confrontação”, no qual dizia: “[...] na fantasia inconsciente, crescer é, inerentemente, um ato agressivo”. Nossa aposta é a de que a “ultraviolência” contida em *Laranja mecânica*, para além de querelas sociológicas e jurídicas, assenta-se igualmente nessa frase por demais condensada que traz, de saída e de maneira inexorável, três elementos fundamentais, a saber: *crescer*, *ato agressivo* e *fantasia inconsciente*. Temos aqui um princípio estrutural, que nos remete ao fenômeno clínico e requer outro capital de análise.

Agressividade e subjetivação

“Se a criança tem de tornar-se adulta, então essa transformação se faz sobre o cadáver de um adulto”, diz Winnicott (1975, p. 196). Ora, desde tenra idade somos “atravessados”, “invasidos” pelo outro que manipula nossos corpos e sempre nos diz como ser, estar, pensar e nos comportar. Tal espécie de invasão ativa a agressividade que é uma reação ressentida de ódio, um avatar imaginário da pulsão de morte, que pode vir (ou não) a se expressar sob formas simbolicamente estabelecidas de violência. O mesmo Winnicott (1999, p. 89), em outra obra, complementa: “[...] de todas as tendências humanas a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agen-

tes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens”.

Na verdade, agressividade e violência nem sempre se nivelam. Enviesada, disfarçada, carregada de destrutividade, a agressividade – ou, em última instância, o ato agressivo – é constituinte da humanidade como efeito necessário da separação (ou da desalienação) do Outro primordial ou ainda daqueles que o sucedem. Logo, constitutivamente, crescer no sentido de se subjetivar implica agressividade, que pode ou não ser exercida com violência.

A emancipação intelectual, por exemplo, é um ato agressivo que pode significar a separação de um adulto, sua morte simbólica, mas não deve ser necessariamente traduzida como um ato violento. Entretanto, já não se poderia dizer o mesmo de um chute ou de episódios de “ultraviolência”. Ainda que seja uma brincadeira, ou componha parte de um jogo consentido entre os jogadores, e não necessariamente parte de uma briga, o chute, por exemplo, é um ato violento que, como tal, requer interpretação.

A violência depende da significação estabelecida pelos envolvidos. Ela é, com efeito, produto das circunstâncias que envolvem os laços sociais mantidos por cada grupo singular em um dado momento. Sujeita à interpretação, a violência não pode ser separada da representação e da experiência subjetiva que ela gera. Uma prática que antes não seria considerada violenta, hoje passa a sê-lo. Isso nos coloca perante o caráter circunstancial (e falseado) da violência, isto é, a forma como determinada prática é interpretada em nosso tempo pelo grupo social em que estamos inseridos. O problema é que quando focalizamos em demasia esse caráter circunstancial, arriscamos-nos a negligenciar a estrutura mesma que o gera, ou o caráter constitutivo que o conceito de agressividade advoga.

Sublinhamos que, ainda que um ato agressivo possa acometer um sujeito em todas as idades, algumas pesquisas apontam a adolescência como principal época da vida em que modalidades de agressão ocorrem com maior frequência. O próprio Winnicott emprega uma equação que reforça essa ideia ao nivelar a adolescência à confrontação, à delinquência, à morte e ao assassinato, emblemas da agressividade humana. Nesse sentido, parece-nos que o problemático parece ser que, para abordar sua descoberta perspicaz, o psicanalista inglês se mantém quase que exclusivamente no registro do desenvolvimento, e não propriamente no sentido dinâmico,⁶ como quis, por exemplo, a última teoria freudiana das pulsões que aqui nos orienta.

Sabemos, desde Freud (1980c, 1980a), que a adolescência é uma espécie de efeito *Nachträglichkeit* (*a posteriori*) da sexualidade infantil: é seu retorno e também seu desenlace. O jovem se vê mediante alguns destinos inevitáveis e intimamente ligados entre si: (a) o desligamento ou a desidentificação em relação aos pais ou aos objetos primordiais de amor; (b) o declínio do autoerotismo ou das formas narcísicas de investimento em tais objetos; (c) a afirmação de seus ideais societários, como grupos, parceiros, formação, profissão, conjugalidade etc.; e (d) a inscrição social de sua própria sexualidade, confrontando-se, ao dar as costas à polimorfia perversa de sua condição infantil, com a diferença dos sexos e com a angústia da castração.

No entanto, tais destinos nunca se dão a contento e resultam sempre em ambivalências. Em seu célebre livro

6 Com o avanço de suas teorizações, depois dos anos 1920, Freud tendeu a deslocar-se das concepções do desenvolvimento, presentes, por exemplo, nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, para as concepções dinâmicas do inconsciente, como presentes em *O ego e o id*, que admitem a pulsão de morte como originária e o supereu como divisão e fonte de agressividade do eu.

Verwahrloste Jugend (Juventude desamparada), o educador e psicanalista August Aichhorn (2006), que esteve à frente de diversas instituições educativas de acolhimento de jovens delinquentes, afirma que, na adolescência, os laços da libido infantil e autoerótica podem ser excessivamente fortes e fixos, resultando na difícil ou impossível liberação para outras relações, afora os objetos primordiais de amor.

Dito de outra maneira, revelando o caráter trágico dessa ambiguidade adolescente, Lacan (2003), em seu “Prefácio a *O despertar da primavera*”, um dos raros e interessantes momentos em que o autor aborda diretamente o tema, analisa o encontro de jovens com a pluralização dos ideais – ou, dito à sua maneira, com a pluralização dos *nomes do pai*. Para alguns jovens, o desamparo revelado por tal encontro os levaria ao pior, isto é, ao suicídio, como é literariamente descrito no romance prefaciado acima citado.

Parece-nos somar a esses destinos trágicos o alardeado problema da autonomia. Pressionado socialmente a tê-la, dada a condição de não ser mais uma criança, e se bem ou mal consegue alguma, o jovem vive receando perdê-la, uma vez que, não sendo um adulto, vê-se sempre na iminência de perder a condição de autônomo. Quando o “grande” lhe diz, por exemplo, “está na hora de você ser alguma coisa”, ou seja, “está na hora de você ser algo desejável para que meu desejo o deseje”, faz surgir ali uma tensão; tensão, muitas vezes, insuportável e turbulenta que pode levar o jovem a responder através de atos agressivos ou de submissão a eles, na impossibilidade de se afirmar (Pereira, 2010).

Violência juvenil e o laço social atual

A sociedade ocidental de nosso tempo, que parece assentar-se, simultaneamente, sob o declínio dos reguladores pulsionais, os excessos generalizados e o enfraquecimento dos ritos simbólicos, tem forçado os adolescentes à “moratória”⁷ ou ao adiamento do recuo das formas narcísicas de satisfação pulsional.

Há que se questionar, sobretudo, se essa sociedade tem sido capaz de levar seus jovens a processos de subjetivação que superem os fundamentos narcisistas e os modos mais arcaicos de satisfação infantil. Nesse sentido, *Laranja mecânica* mostraria o efeito do fracasso dos processos de subjetivação baseados no “luto” de objetos primordiais e da supremacia narcísica contra uma sociedade que não consegue mais criar significações estáveis como referência às gerações. Nesse âmbito, podemos nos perguntar também como a ausência da diferença geracional poderia levar à chamada adolescentização generalizada da sociedade e, sobretudo, à segregação, efeito essencial de toda essa conjectura.

Conforme diz Hobsbawm (2002), a adolescência desta época, de uma faixa etária transformou-se em um grupo social, ícone de crianças e adultos. O historiador inglês destaca que cada cultura, com base em variáveis sociais, econômicas, de mercado e outras, elege um período da vida para simbolizar seus ideais. Nesse sentido, diz que nenhuma outra época social ovacionou tanto o ser jovem quanto a atual.

As condições de nosso laço social, ao enaltecer o jovem como paradigma, produzem um estado de desamparo de como se orientar minimamente na vida e no mundo, já que esse ideal aponta para um excesso de presente, não balizando perspectivas de futuro. A disseminação do ser jovem acaba colocando

⁷ Expressão originalmente empregada por Erikson (1976).

todos em uma horizontalidade empobrecedora, questão que parece retirar a dose de diferença tão necessária ao jovem que, recém chegado da infância e das mutações pubertárias, inaugura suas primeiras inscrições na esfera pública e social.

Assim, afora a já conhecida moratória adolescente, o jovem acaba percebendo que os adultos ao seu redor, ao sonhar com a eterna juventude, além de deixarem o lugar vago, não se furtam em apagar as marcas do tempo e da origem, rompendo deste modo o elo que liga passado, presente e futuro.

Parece que a juvenilização da cultura não permite, muitas vezes, a distância necessária para a criação do *novo* em termos subjetivos. Hannah Arendt (2001), no texto *A crise da educação*, pondera que toda educação necessita de uma dose de tradição. Isto é, será somente no encontro com o velho que a geração que chega poderá construir o *novo*. Ora, no momento em que os adultos de uma sociedade se juvenilizam através de comportamentos e condutas e no qual os ideais do imaginário cultural passam a valorizar a juventude e seus atributos, é como se todos constituíssem uma comunidade de iguais (Gurski, 2012).

Como já referimos acima, tal situação produz no jovem um estado de desamparo de como se orientar minimamente na vida e no mundo, já que esse ideal aponta para um excesso de presente, não balizando perspectivas de futuro. O problema é que o adulto, mimetizado com o *teen*, deixa o adolescente tão livre quanto ele mesmo gostaria de ser: “Goze como eu não posso gozar mais”, diria o adulto, reconhecendo a satisfação pulsional juvenil e, especularmente, mantendo algo da sua própria. No filme de Kubrick, decisivamente não há diferença entre a satisfação pulsional de Alex e a dos personagens que representam o mundo adulto, os torturadores comportamentalistas e os policiais.

Talvez desse modo possamos compreender, em parte, o pacto mortífero presente nos episódios de ultraviolência da gangue de Alex. Na ausência de referências simbólicas consistentes, ou de adultos que se reconheçam como tal, as regras passam a ser estabelecidas pelos próprios adolescentes e seus pares, que se encontram agora à deriva. O lugar da referência, da experiência, da memória e da lei, próprias da ordem dos que chegaram antes ao mundo, foi posta em suspensão. Parece que mediante o apagamento da diferença geracional, o interdito torna-se anacrônico e a consistência subjetiva, esvaziada.

Cada sujeito passa assim a impor a sua própria lei. O que ocorre em *Laranja mecânica* não é um desafio à lei, mas, ao contrário, com o excesso de agressividade os jovens parecem tentar estabelecê-la. Temos aqui o que se pode denominar “arranjo perverso” ou “montagem perversa”, em que, com base no empobrecimento do laço social e na recusa ou renegação (*Verleugnung*) dos interditos, promove-se o apagamento, a des-subjetivação do outro que porta sua “pequena diferença” a ponto de se exercer sobre ele a segregação. A vítima se vê isolada, humilhada e emudecida, enquanto o agressor se vê sob efeito imediato de satisfação pulsional e de poder, ao sujeitar a vítima ao mesmo nível de invasão do outro a que fora submetido. Vê-se então que se trata de um pseudopoder, pois o agressor sabe bem como sofre a vítima, já que também nunca deixou de ser uma.

Referências

AICHHORN, A. *Juventud desamparada*. Barcelona: Gedisa, 2006.

ARENDT, H. A crise da educação. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire*: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1994a. Texto originalmente publicado em 1938.

BENJAMIN, W. O narrador. In:_____. *Magia, técnica, arte e política*. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994b. Texto originalmente publicado em 1936.

ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:_____. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. Texto originalmente publicado em 1905.

_____. Conferências introdutórias 21. In:_____. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. Texto originalmente publicado em 1917.

_____. O tabu da virgindade. In:_____. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1980c. Texto originalmente publicado em 1918.

_____. Por que a guerra? In:_____. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Texto originalmente publicado em 1933.

GURSKI, R. *Três ensaios sobre juventude e violência*. São Paulo: Escuta, 2012.

HOBBSAWM, E. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LARANJA mecânica. Direção: Stanley Kubrick. Estados Unidos: Columbia-Warner Distributors, 1971.

LACAN, J. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. Texto originalmente publicado em 1955.

_____. Prefácio a “O despertar da primavera”. In:_____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. Texto originalmente publicado em 1974.

PEREIRA, M. R. La adolescencia generalizada. *Revista Borromeo*, 10. Buenos Aires: Kennedy, 2010.

WINNICOTT, D. Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In:_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. *Privação e delinquência*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.